

COSMO LITTERARIO

Anno I

Redactor M. A. Major

N. 15

PARTE LITTERARIA

Maximo

A. F. TEIXEIRA LEITÃO.

(Continuação).

VII

Ossian o caledonio apalpou as trevas e verteu lagrimas de angustia: elle chorava Malvina que o deixára cego e inerme entré os paços de Selma.

Como o bardo vi derrocar um por um todos os florões de minhas esperanças e quebrar-se todos os enlevos do poetar, como Danthe sentei-me nos marcos da peregrinação não para escrever a Divina Comedia, porém para comprar mais um gozo, para saciar esse desejo de paixões que matavão a alma.

O pensar perdêra na tasca, quando inclinado ao collo d'uma messalina eu chegava aos labios o cognac.

O sentir-faculdade carunchosa — tornára-se um não sei que de bestial.

VIII

Maximo chorou e não amaldiçoou sua sina, procurou esquecer e inervou-se no vicio, achou inspirações no charuto de Havanna e deitado na soleira de qualquer casa suffocou em asuladas fumagens todos os restos de seu amor, e se ainda resaltão as remi-

OS MISERAVEIS VERDADEIROS

Romance original

DE

MANOEL ANTONIO MAJOR

PARTE PRIMEIRA

VII

Uma scena do seculo.

(Continuação do numero antecedente).

A vida humana tem certos factos condignos de reflexão e adequados ás epochas em que elles se operão: Seuthro enganou Napoleão dizendo-se russo, enganou o duque de Niemen e continúa de novo a estender os laços astuciosos de sua manha.

Vimos o luxo que brilhava na casa do conde de Feutry e iremos já comparecer em uma choça, onde a miseria grava suas iniciaes em todos os porticos. Atravessai essas ruas, abandonai esses mostradores, essas gentis donzellas, que pinoteão ua grande cidade, seguidas por satellites, aos quaes mostra ora o bico da botina azul, ora o tornozelo occulto na meia de seda, entraí em um desses beccos, que attesão ainda a epocha dos Valois, e que se julga ainda complemento directo desse pateo dos Milagres, e vejamos o que aqui passa.

Em um espaço de dez péz cubicos, baixo e immundo, onde o sol não penetra, e onde as trevas reinão sem rival em opaco territorio, cuja mobilia consiste em um leito coberto de andrajos, duas ou tres cadeiras carunchosas, alguns trapos espalhados pelo chão, e uma vetusta candêa pendurada em uma das paredes, cujos raios morbidos espalhando-se por este ambito infecto dá uma idéa terrivel do que ali se passa e protesta mais alto do que quantos escriptos publicar-se.

Uma mulher de cincoenta annos, baixinha e magra como um cadaver, de olhos baços e reflectindo nesse fogo do vicio, labios grossos, nariz chato, estava sentada no leito envolta em uns trapos de muitas cores, contan-

niscencias de suas esperanças vividas e de seus amores, vae correndo para o bordel onde assassina o passado.

Vida horrivel e insipida!!!

Dous annos vagabundei, dous annos fui objecto de zombaria: meus amigos esquecerão-me porque já não tinha dinheiro para lhes dar, porque já não tinha praseres para lhes offerecer. Cahi no abysmo, revolvi-me no tremedal e não encontrei nem uma mão de amigo que me amparasse, nem uma palavra de consolação que me mitigasse o furor.

Fui mais infeliz do que o leproso... porém alguém... acaso... ou ficção vingou-me...

IX

Uma noute amanheci n'um convento, estava deitado em boa cama e junto a mim vi um velho frade, cujas faces lividas, e precoce velhice attestavão uma serie de macerações e jejuns.

— Onde estou? exclamei eu.

Na casa do Senhor respondeu-me humildemente o frade.

Mal ouvi essas palavras senti pullular meu coração uma vida nova: Durante dous annos vivi na taverna e nas ruas, não tive um abrigo, não achei hospitalidade e nunea aos meus ouvidos chegou o nome de Deus. E, no entanto por entre as misérias do mundo, ha um asylo para os que soffrem e consolação para os infelizes, e no entanto por entre os homens esquecidos de

do um punhado de moedas de ouro com uma avidez, que expandia-se em seus gestos lubricos e no brilho torvo de seus olhos, e Lavater que sustenta descobrir no rosto a expressão da alma, veria no rosto dessa mulher o vicio personificado atravez de todos os degrãos da sociedade, formalizada de todos os ingenios e jubilada na degradante escola da imfamia.

N'uma das cadeiras estropeadas via-se um anjo: era uma moça de vinte sete annos, magra, alva, de olhos azues e cabellos tão castanhos e tão bellos, que cahião em endeixas em seus hombros alvos como alabastro. Em seu todo pintava-se o soffrimento, e no circulo roxo, que cercava seus olhos, lia-se o succo amargo das lagrimas; e na luta acerba e encarnizada, que sustentava contra essa mulher, que queria vendel-a, no pranto afflictivo, na fome hedionda, e nos andrajos que a cercavão, havia uma crença tão forte, que separando fome, miseria, lagrimas e força, impellia-a a recusar. Os prantos dos que crêem, disse Chateaubriand, não se perdem: a religião recebe-os em uma urna e apresenta ao Eterno. Quereis saber quem é essa mulher e esse anjo?

A primeira chamou-se Margarida, trocou seu filho, para collocar-o no apogeo, por ouro como já havia trocado sua virgindade, e o filho do crime devia principiar a vida no crime; levada pelo dinheiro, que recebera do finado duque de Niemen, fez como esses criadores de gado, que o engordão para depois vender, e tratou de educar em Blois esse anjo, verdadeiro filho do duque morto em Smolensk, e quando a menina teve desoito annos principiou a lançal-a nos preludios do vicio, e durante nove annos essa flôr candida, fraca como mulher, resiste magestosa as lufadas d'um vento, que tanto doudeja no cyclo social; e quem não admirará essa mulher sempre vigilante, fingindo sempre dormir, receiando o mesmo alimento, e quando este lhe era recusado, apoiando-se na crença de um bom futuro para regeitar essas promessas sumptuosas, que a honra repelle e que o brio desdenha; debalde Margarida empregara todos os meios concebiveis: a fortaleza era de madeira, porém seus defensores erão de bronze; em vão essa infame em mente malevola ruminou, cogitou e procurou insidias, e laços; se ella era o espirito máu, Elisa possuia um talisman, que a affastava do ambito, que o vicio traça com sua mão de ferro. Se Homero, Camões ou Dellille a conhecessem, seus cantos erão a apothese de sua grande luta.

(Continúa).

seus deveres, ha homens cuja vida é trabalhar em prol da humanidade e que em paga não querem nem dinheiro, nem elogios e nem uma palavra ao menos; então ha um Deos!

As lagrimas saltão dos olhos e o frade encarando-me sereno e com o olhar placido, mostrou-me um cruxifixo e de seus labios sahirão palavras de charidade e de resignação, elle mostrou-me um Deus fez-me entrever os gozos espirituaes da Eternidade, que outr'ora minha mãe me disia acalentando-me no berço, e que em outros tempos eu não desconheci; elle mostrou-me um por um todos esses claustros, onde definha a materia e onde vence o espirito, patenteou-me todos esses mysterios do convento, todos esses jejuns e macerações e concluiu disendo-me que a paga dessas expiações era o céu.

Este homem fallaria a verdade? E' certo que só d'elle ouvi palavras differentes das que profere o povo, que só d'elle ouvi phrases que mitigando a paixão que queimava-me o cerebro, davão em resultado um estado todo elle novo, todo elle inexplicavel.

Esqueci o companheiro do jogo e quiz estar ao lado do monge, sondei toda sua vida, examinei todos os seus passos e soube sua historia: Amára a Deus sobre todas as cousas, abandonou as riquezas que possuia, e fez-se monge. Sua vida claustral era entre o córo e o confessionario, entre o altar e o genuflexorio.

Insensivelmente fiquei na crasta, perdi um por um todos esses preceitos de scepticismo, jejuei e orei como esses santos homens, porém como elles não tinha o coração puro nem tão pouco a mente.

Se orava a imagem de Lilia deslisava-se em meus extases.

Se jejuava Lilia apparecia-me em desejos forçando-me a praticar o contrario do que desejava. Então blasphemava, proferia improperios á Deus, e louco e tres vezes louco olhava ainda para o passado deixando ainda correr as lagrimas da saudade, lembrava-me da infancia e esquecia-me dessa vida sem futuro, sem nexo e sem destino, que passára nos braços da meretriz e esquecia-me de Deus, cuja existencia negára e cujas obras contestára.

Lilia nos sonhos e nas vigílias, no córo, e na cella, Lilia em toda parte... quasi abandonnei o asylo da sanctidade porque conheci que eu era por demais indigno.

Soffri muito, porque o meu pensamento era impuro e minha vontade justa, soffri, porque da luta entre a vontade e o pensamento quem soffria era meu espirito, que cahindo vencido, cedia o passo á materia, então nem a oração nem o jejum erão sufficientes.

Soffrimento horrivel... Ouvir-se a consolação, procural-a e não poder gozar-se, escutar-se palavras de uma religião como eu sonhava em insomnias de poeta e philosopho e regorgitar-se no inferno!

O monge chorava meus soffrimentos e suas lagrimas aplacavão-me o inexplicavel de meu ser, abracei-o porque conheci que esse homem era enviado do céu, ajoelhei e prometti executar suas ordens...

Uma noute tomei o bordão de peregrino, calcei as sandalias do monge e fui evangelisar em companhia do frade. Oito annos escrevi nos desertos as minhas acções, oito annos de supplicio

doce e suave, oito annos entre os perigos de um sertão, arido como o peito do libertino, e as settas do botocudo, e durante oito annos eu vi o selvagem abandonar suas crenças e abraçar constricto o christianismo, vi o protestante chorar arrependido e a meretriz transformar-se em boa mulher, imitando a Magdalena.

O breviario era para mim mais do que o poema de meus sonhos, e a Biblia a fonte de recursos todos elles divinos e todos elles sem iguaes. Ahi desde o Genesis até o Apocalypse eu via a historia sacro-santa maravilhando-me a cada passo com essas narrações singelas e magestosas, simplicies e inebriantes, sobre-humanas e admiraveis.

Eu já era outro homem!

X.

Lilia morrêra pobre e miseravel. Ella fugira da casa paterna, e entranhou-se na lubricidade, dominou pelas galas e succumbio na miseria. Um padre ouviu suas ultimas phrases, cerrou-lhe as palpebras, acompanhou seu feretro e foi elle o unico que ajoelhado ante sua campa, orou por ella.

Esse padre era eu, eu que amára e que cumpria os deveres do sacerdote.

Lilia vegetou no vicio, vendeu seus beijos, exultou na orgia, porém sua ultima palavra, essa derradeira phrase foi — perdão — e Deus perdoou como eu perdoei-lhe.

Agora espero tambem o termo da minha viagem na terra, agora que tenho o coração placido espero em Deus e tenho fé na sua Misericordia.

XI.

O que lestes foi a historia de Maximo, foi uma imitação da vida do bispo de Hippona, agora escutai o que sobre elle dizem seus companheiros de vida claustral, seus penitentes e todos aquelles que o conhecerão.

« Fr. Maximo foi um desses homens enviados pelo céu para espalhar as dores e as prodigalidades de Deus, sua vida foi toda santa. Junto d'elle havia consolação para o afflicto, exemplo para o irresoluto, preces para o que soffria e animação para o fraco. Junto d'elle tinha-se um campeão da fé e um companheiro nas lides da vida, emfim Fr. Maximo era um apostolo.

MAJOR.

FIM.

Segunda appareição do Tio Boaventura das Necessidades.

Acordei ao grito do Diogenes, lia em meu tugurio Marmontel e Voltaire, auctores que me enviarão afim de saber o que os mesmos dizem ácerca da critica. Vesti-me a toda pressa, tomei a boceta e puz-me a caminho para a cidade onde havia novidades no mundo da lua, apenas cheguei e mal limpava o pó que tinha nas botinas e enquanto procurava um *engrati botini* apreciei o seguinte (*principiemos, sem mais preambulo.*)

Appareceu um acrobata, cujas habilidades ninguem contesta e que é merecedor da gratidão do publico.

Sem querer fallar dos quadros intimos da miseria de enfatua-dos romancistas, apontarei para um negro africano carregado de livros e direi: E' um sabio, o mundo é assim.

O acendedor de gaz parodia aos prophetas, que outr'ora acendião nos corações dos povos a lanterna da claridade porém o *mundo é assim* e nada se póde fazer.

O Conservatorio Dramatico extinguiu-se o *mundo é assim*. Não sei porque e mesmo não quero averiguar as razões que operarão para tal extincção, o que é certo que necessita-se de um Conservatorio que não approve todos os *mundos são assim* por não offender a religião do estado ou a moral publica, porém que antes de approvar calcule os requisitos necessarios para uma producção dramatica, investigue as regras da arte e preveja os lances do pensamento, porque do contrario estaremos no *Zum e Zum do Mundo é Assim*.

Descobri um segundo brinco litterario, quero dizer encontrei um *menino* que, mudando *certas palavras* de uma poesia publicada em 1844 no *Jardim Litterario*, publicou-a em um jornal de *identico titulo* mudando apenas o que referia-se á Portugal para Brasil e esperanças ardidas para esperanças perdidas... não demoro por já não haver espaço, *ameaço porém voltar*.

TIO BOAVENTURA DAS NECESSIDADES.

PARTE POETICA

Uma hora de spleen

Imitação.

*Bebamos ! nem um canto de saudade !
Morrem na embriaguez da vida as dores !
Que importão sonhos, illuções desfeitas ?
Feneceem como as flores !*

JOSÉ BONIFACIO.

— Olá, rapaz da tasca, traz-me vinho !
Ponche, kirsch ! cognac ou aguardente !...
Não vês que tenho sede, e que já sinto
As inspirações morrerem-me na mente !

Vê os meus labios como estão enxutos
Como palido estou... repara... olha !
Não sabes o que é isto ?... por que tremo ?...
E' que a taça inda os labios não me molha !...

Apressa-te, rapaz, corre mais rapido ;
Do que um animal fero e dananinho,
Vai aos saltos, qual cervo, á tua cava
E a meus pés vem cahir — trazendo vinho.

— Eu vou senhor,

— Apressa-te maldito

Que começo a sentir crueis tortoras,
Na dôce embriaguez não sinto dôres
Nem do mundo conheço as desventuras.

Quero beber até que o meu espirito
Se tolde, e meus labios se rubreção ;
Que importa que as dezoito primaveras
Com a minha embriaguez tambem feneção !...

Dezoito primaveras !... linda idade
Para os entes creados p'ra o amor :
Mas p'ra mim, infeliz ! é fardo immenso
Que trago aos hombros me vergando á dôr

Quero vinho beber, p'ra que dest'alma
Sanar eu possa tão cruel martirio ;
Quero ver se olvidar posso a mulher
Que uma vez adorei no meu delirio.

Amei uma só vez... uma mulher,
Mais bella que de Faust—Margarida
Jurou por Deus do céu ser minha um dia...
Aos pés calcou a jura... fementida !...

Que burlesca lembrança !... — olá rapaz !
Ficaste por acaso glutinado ?

— Não, senhor, procurava p'ra meu amo
O vinho do melhor — o engarrafado.

Porque o ponche não posso preparar,
O kirsch..., e cognac...

— Eu advinho,

Nesta tasca não ha, nem aguardente,
E por isso, contente, trazes vinho.

Vai-te... Quero a sós com estas socias (para as garrafas)
Vêr o dia raiar lá no horisonte
Com ellas, quero ver, o sol no acaso
Se occultar por detrás daquelle monte (indica)

Vem oh ! santo licor, saciar vem
Esta sede que ha muito me devora ;
O meu seio requeima com teu fogo,
Pouco importa qu'eu morra... muito embora... (bebe)

Já começo a sentir, oh ! licor sacro !
Teu fogo minhas vêas requeimar ;
Oxalá que na grata embriaguez
Meu passado infeliz possa olvidar.

Adorei esta mulher, cuja belleza,
Dos prados não possue linda bonina,
Pensei cultos votar á uma virgem,
E meus cultos votei á Messalina.

Seu olhar tentador tornou-me louco
Meus joelhos dobrei ante ella um dia,
Pedi um de seus beijos... recusando-m'o,
Nas niveas mãos o rosto ella escondia.

No entanto que depois esta mulher,
P'ra saciar seus lubricos desejos,
A virtude esqueceu, — e no prostibulo,
Prostituiu seu ser, — vendeu seus beijos !...
Que lembrança fatal !... nem mesmo ebrio
Semelhante mulher posso esquecer !...

— Olá rapaz !...

— Senhor !...

— Traz um punhal

Não vês que o meu desejo é só morrer ?...

— O que é isso meu amo ! que lembrança !
Venha deitar-se, descansar um pouco...

— Desgraçado ! acaso tú já viste
O somno conciliar um pobre louco ? !...

(Cantos nocturnos) DE GUALBERTO PEÇANHA.

Revelação do segredo.

A meu amigo Sanches de Frias.

*A esperança, a ventura, a paz suave
P'ra sempre me roubou a perda tua;
Mas meu amor sem recompensa mesmo
Terá na minha morte a morte sua.*

EXT.

Não é misterio o segredo amigo,
D'esse passeio
Que te fez scismar
E'ssa tristeza que no peito abrigo:
E' triste magoa,
Que me faz penar.

Se procurei esse lugar sagrado,
Onde alinhadas
Viste campas só,
Ahi amigo jaz algum amado,
Que a mão divina
Transformou em pó.

A fria lousa que lh'esmaga o peito,
Humedecida
Por meu pranto então,
Ahi deixei sobre o eterno leito
Lagrimas puras,
De cruel paixão.

Lá entre os goivos vi a flôr saudade
Tão inclinada
Que paixão traduz,
Tristeza mostra, quando a eternidade,
Amor nos rouba,
Com funerea luz.

O céu tão limpido ia escurecendo,
A noite vinha
Sua mudez mostrar,
Mais tarde a lua então nascendo
Lá nos deixava,
Frouxa luz gozar.

E nessas horas quanta dôr soffria,
Junto da campa
Te dizer não sei;
Quiz mitigar a magoa que sentia
Unido a essa,
Que primeiro amei.

P'ra mim misterio o que teu peito cança
P'ra ti segredo
Foi o meu chorar,
Então chorava, porque ahi descança
O somno eterno
Quem me soube amar.

D'alma o segredo revelei-te amigo,
D'esse passeio
Que te fez scismar
Essa tristeza que no peito abrigo:
E' triste magoa,
Que me faz penar.

LEITE DE CAMPOS

Phantasia

(Imitação.)

Na doce posse d'encantos tantos
Amores, flôres eu não colhi;
Mimozas rosas da vida q'rida
Singellos, bellos gozei, perdi.

Venturas puras d'affagos magos
O peito estreito cobrio, dourou,
Só resta d'esta perdida vida
Tormentos lentos, que não findou.

Estrella bella, fulguras duras
No céu que é teu, de puro anil;
Suave ave trinando brando
Gorgeio cheio de graças mil.

Futuro puro affaga, paga
Anhellos bellos do coração;
Mas hoje fuge esp'rança mansa,
Medonhos sonhos martyriosão.

NICOLÁU A. DE ARAUJO.

Pobre mulher

A' — E. P. Leite de Campos.

Pobre mulher! que martyrio
Não supporta quando pensa
No momento de delirio
Em que vio perdida a crença
De seus sonhos virginaes?!
Quem não vê se da tristura
Lhe estão no rosto os signaes?

Pobre mulher! Illudida
Foi no viver de criança!
Depois... ai! vio-se perdida
No mundo, sem esperança
De colhêr quanto perdeu!
Reconcentrada, consigo,
Pensou ter um tecto amigo
N'esse lar em que nasceu.

Pobre mulher! Esse anhello,
Que em seu peito inda existia,
Ninguém, ai! quiz acolhel-o
Porque ninguém conhecia
O valor de seu rogar!..
Dos seus perdendo a bondade
Que lhe restava? — A saudade
D'orphã ser em seu penar!

Pobre mulher! Despresada
Dos seus, de todos! — tristonha:
Veio entre nós ter morada
Fugindo á sorte medonha
Que a pôde por fim prender!..
— Hoje se a triste o corpo cede,
N'esse soffrer mais se excede
A alma d'essa mulher.

L. FELIX.

Ella

Imitação

E' ella tão linda, tão meiga, tão doce
Qual phebeo claro,
Ou Ceres formosa que mata de amores
Que gera paixão.

E' ella tão linda, tão meiga, tão doce
Qual canto amoroso,
De flauta qu'em noute serena desprende
O nauta saudoso.

E' ella tão linda, tão meiga, tão doce
Tem tanta magia,
Quaes limpidas cores d'aurora que surge
Nas nuvens do dia.

E' ella tão linda, tão meiga, tão doce
Tem tal formosura
Que á outra não déra na terra seus mimos
A grata natura.

E' ella tão linda, tão meiga, tão doce
Qual mistica estrella:
O brando regato que corre saudoso
Não pode vencel-a

E' ella tão linda, tão meiga, tão doce
Tem tanto valor,
Que junto a seu lado, gentil não realça
Do lyrio o pudor.

E' ella tão linda, tão meiga, tão doce
Qual terno raia.
Da lua que gira, qu'exprime ventura
No seu fulgurar.

E' ella tão linda, tão meiga, tão doce
Tem tal esplendor,
Que o peito mais forte mais duro da terra
Se curva do amor

E' ella tão linda, tão meiga, tão doce
Tem tal isenção,
Que o vate inflamado querendo cantal-o
Não acha expressão!

* * *

ATENÇÃO

**Continua-se a receber as-
signaturas na rua do Parto
n. 110, e bem assim artigos
que serão publicados se
forem julgados dignos de
tal.**

**O preço das assignaturas
é o seguinte:**

Anno. 8\$000
Seis mezes . . . 4\$000
Trimestre . . . 2\$000

TYPOGRAPHIA — IMPARCIAL, RUA DE SANTO
ANTONIO N. 26 A.